

A REPRESENTAÇÃO DA ALTERIDADE E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES CULTURAIS NA TRADUÇÃO DE *INNAHA LONDON YA* ^CAZIZI

Jemima de Souza Alves*

Resumo: A partir da trajetória da recepção das primeiras edições das *Mil e uma noites*, traduzidas para as línguas francesa e inglesa, o presente trabalho aborda o processo tradutório por meio da relação que os gêneros textuais estabelecem entre si num determinado sistema literário. Considerando o potencial que a tradução tem de formar identidades culturais nas comunidades receptoras, e constituir-se uma forma de resistência, inovação e mudança cultural, propomos a tradução de um trecho do romance *Innaha London ya ^cazizi* (2001), da escritora libanesa Hanan Al-Shaykh. Pretendemos, então, realizar uma tradução que reconheça e evidencie traços da alteridade e, usando as palavras de Berman (2007, p. 68), “receba o Outro enquanto Outro”.

Palavras-chave: Hanan Al-Shaykh. Literatura árabe. Literatura de imigração.

INTRODUÇÃO

■ A história da compilação de *As mil e uma noites* se estende por vários séculos, durante os quais os textos resultantes de diversas combinações de manuscritos sofreram diversas transformações que remontam ao século X. Em meados do século XVIII, os manuscritos foram reorganizados, surgindo, então, a edição completa que chegou até nós, por meio das diversas traduções para os idiomas europeus (SIRONVAL, 2006, p. 219).

Sem dúvida alguma, o prólogo moldura de *As mil e uma noites* – a história de Sheherazade – é considerado uma das narrativas mais poderosas da literatura universal, revelando em sua trama a relação ímpar que une o desejo sexual e o desejo narrativo. No entanto, para além do potencial que a própria narrativa

* Universidade de São Paulo (USP) – São Paulo – SP – Brasil. E-mail: jemimaalves@gmail.com

encerra em si mesma, o processo de tradução e a recepção dessa obra no sistema literário europeu, em diferentes períodos, podem lançar luz sobre questões de representação da alteridade e construção de identidades culturais que, nos últimos anos, têm sido amplamente discutidas pelas teorias da tradução.

As mil e uma noites está entre as obras mais traduzidas para os idiomas europeus, cuja repercussão perpassa os tempos. Desde então, tem tido grande influência na literatura ficcional universal com a sua primeira tradução para a língua francesa na versão produzida por Galland, em 1704, a partir dessa para a língua inglesa e, então, com as traduções inglesas de Lane e Burton feitas diretamente do árabe, ambas publicadas em meados do século XIX (SIRONVAL, 2006, p. 220).

Diferentes manuscritos, traduções e edições de *As mil e uma noites* possibilitaram novas versões à medida que a narrativa passava de um tradutor a outro, de uma edição a outra e de um editor a outro. Essa transmissão, sempre ligada aos desenvolvimentos histórico, cultural e social, criava representações diversas da identidade árabe e lançava novas perspectivas sobre a alteridade que se constituía a contraparte Ocidental.

A primeira tradução europeia de *As mil e uma noites* foi elaborada por Galland, publicada em 1704, e rendeu grandes lucros para a casa editora, pois se tornou sucesso absoluto, e a primeira tiragem esgotou-se rapidamente. A partir da tradução francesa, durante mais de um século, foram produzidas traduções para outros idiomas europeus. De fato, a primeira versão inglesa de *As mil e uma noites* foi elaborada com base na tradução francesa, sendo essa a edição que circulou até a descoberta de novos manuscritos em árabe, traduzidos por Edward Lane, em 1838 (SIRONVAL, 2006, p. 220).

Segundo Shamma (2009, p. 10), diversas explicações têm sido apresentadas para elucidar o entusiasmo instantâneo que a obra de *As mil e uma noites* despertou na Europa. Dentre as mais difundidas e aceitas, está a de que ela representou “uma reação natural do classicismo dominante de Boileau”^{1,2} (CONANT 1908, p. xxiii apud SHAMMA, 2009, p. 10).

*Na França, a popularidade das histórias fantásticas e maravilhosas [...] tinham testemunhado o divagante desejo de escapar das estritas regras artísticas e dos ideais clássicos [...], na Inglaterra, encontravam-se condições similares*³.

De acordo com esse argumento, a “imaginação bárbara” e a vasta gama de “intensas e espontâneas emoções”⁴, exibidas nas narrativas, despertaram um espírito romântico que, mais tarde, culminou nos “romancistas do século XIX, os quais entusiasticamente receberam *Les Orientales*”⁵ (SHAMMA, 2009, p. 10).

Do ponto de vista histórico, o contato ocorrido entre a Europa e o Oriente, especificamente os países muçulmanos, e, por conseguinte, os desenvolvimen-

1 As traduções das citações apresentadas ao longo do presente trabalho são todas nossas.

2 “A natural reaction from the dominant classicism of Boileau.”

3 “In France, the popularity of the fantastic and marvellous stories [...] had testified to a truant desire to scape from the strict artistic rules and classical ideals [...] Conditions were similar in England.”

4 “Wild imagination” and “intense and spontaneous emotions.”

5 “Nineteenth-century romanticists who enthusiastically welcomed *Les Orientales*.”

tos militar e político, no final do século XVII e início do século XVIII, possibilitaram uma apreciação dessas culturas de maneira inteiramente nova. A ameaça otomana à Europa, o estágio mais recente de uma longa série de ataques e contra-ataques que havia moldado a visão europeia sobre os muçulmanos orientais, não conseguiu afastar a lembrança do fracasso do cerco de Viena, em 1683. Desse modo, “como mudaram os centros de poder mundial, o medo deu lugar à patronagem”⁶ (NORMAN DANIEL, 1966, p. 11 apud SHAMMA, 2009, p. 10).

A partir disso, a tendência a representações negativas de um inimigo destrutivo e temerário, que se estendeu por séculos de confrontos militares e culturais, cedeu lugar às frequentes imagens de lascívia, liberdade e superstição – pontos centrais na hostil concepção europeia do Islã –, sendo relegados ao inofensivo campo do exótico e, até mesmo, do romântico. Assim, “durante o século XVIII, este mundo dos turcos e muçulmanos tornou-se um mundo cheio de magia na imaginação dos europeus, que não se sentiam mais ameaçados por eles”⁷ (FÄHNDRICH, 2000 p. 97 apud SHAMMA, 2009, p. 11).

É sobre esse pano de fundo que surgem as primeiras traduções de *As mil e uma noites* na Europa. Funcionando como um espelho do mundo árabe, a primeira tradução, proposta por Galland, tinha como objetivo satisfazer um apetite popular por um estilo da ficção árabe que, de acordo com os padrões acadêmicos, não era considerada o modelo de literatura ao qual ele havia dedicado sua carreira, até então.

De acordo com Shamma (2009, p. 11-12), a principal intenção de Galland, como tradutor, era tornar as narrativas aceitáveis e palatáveis aos seus leitores, adequando o texto, sobretudo, aos gostos da “*society ladies*”. A marca distintiva de sua tradução foi o processo de domesticação do texto aos moldes literários da época, enquanto, conscientemente, preservava ou, até mesmo, acentuava seu tom exótico.

Tendo em vista o escopo que norteou a tradução francesa, Mia Gerhardt (1963, p. 20 apud SHAMMA, 2009, p. 12) afirma que Galland estabelece um regime que ela denomina “diálogo afrancesado”,⁸ pois as personagens dirigem-se umas às outras como “*madame*”, “*monsieur*” e “*seigneur*”; enquanto “*courtisans*” dirigem-se ao rei como “*votre Majesté*”. Ao invés de usarem “*dinars*”, as pessoas usam “*sequins*”, são transportadas em “*equipages*” e as casas são todas equipadas com alpendres. Além disso, os nomes em língua árabe foram todos modificados de modo a mitigar a sonoridade estrangeira.

De acordo com Gerhardt, toda essa acomodação textual aos padrões franceses deve-se ao fato de que o projeto de tradução de Galland tinha como público alvo a corte francesa do século XVIII, uma audiência que “zombava de qualquer palavra ou gesto que diferisse de seus costumes polidos; ela ressentia o bizarro”⁹ (apud SHAMMA, 2009, p. 12). Todas essas modificações resultaram numa “certa generalidade vaga na descrição dos costumes, conduta e coisas do cotidiano”¹⁰ (apud SHAMMA, 2009, p. 73).

6 “As the centres of power in the world shifted, fear gave way to patronage.”

7 “During the eighteenth century, this world of Turks and Muslims developed into a world full of magic in the minds of Europeans, who no longer felt threatened by it.”

8 “Frenchified dialogue.”

9 “Mocke at any word or gesture that departed from its own polite custom; it resented the bizarre.”

10 “A certain vague generality in the description of manners, conduct and things of everyday life.”

A inserção de passagens explicativas em trechos que o tradutor julgava possivelmente obscura para a comunidade receptora é encontrada ao longo do texto, bem como anotações independentes ou qualquer comentário que ele pensasse ser importante para compreensão do texto. Shamma (2009, p. 13) explica essa postura tradutória considerando que, muito embora grande parte do interesse pela narrativa se devesse ao fato de sua novidade de forma e conteúdo, os padrões literários da época, fundamentados na escola neoclássica, limitavam os desvios mesmo se tratando de traduções.

As *mil e uma noites* tornou-se conhecida na Inglaterra desde os anos 1706, por meio de uma tradução anônima denominada edição *Grub Street*, produzida a partir do texto de Galland. *Grub Street*, na realidade, era um distrito de Londres onde *grey literature*, a literatura marginal, era impressa. Somente em meados do século XIX, com a tradução de Lane, que a obra foi traduzida para a língua inglesa a partir de manuscritos árabes.

Na versão produzida por Lane, em 1838, há uma nota do autor alertando o leitor de que ele havia cometido alguns desvios dos manuscritos em língua árabe, sobretudo no relato do prólogo moldura, porque a sentença supunha que Sheherazade estava determinada a matar o rei. É importante considerar que as decisões tradutórias tomadas pelos tradutores ingleses, bem como as notas e comentários, possibilitaram múltiplas leituras da imagem de Sheherazade. Desde uma mulher corajosa que tramou um plano que a salvaria, assim como a todas as mulheres do reino, a uma mártir que, oferecendo a si mesma como sacrifício, seria imolada (SIRONVAL, 2006, p. 221).

Lane opta por retratar Sheherazade segundo os padrões de feminilidade corresponsáveis à imagem vitoriana de uma *Lady*. De acordo com as convenções, ela seria mais aceitável como uma vítima, sem um projeto preciso e devota ao sultão. Assim, a tradução de Lane exibe Sheherazade como uma *Lady Vitoriana* desejosa por ser uma nobre mártir (SIRONVAL, 2006, p. 221).

William Edward Lane foi provavelmente um dos mais renomados e influentes orientalistas do século XIX. Seus poucos, mas influentes, trabalhos têm caráter fundacional. Edward Said (2006, p. 122) considera-o um dos fundadores do Orientalismo Moderno, cuja principal intenção era situar o Orientalismo em uma base científica e racional. Em sua obra *Account of the Manners and Customs of the Modern Egyptians* [Considerações sobre as condutas e costumes dos egípcios modernos], Lane elaborou o que seria uma descrição sistemática e compreensiva do Egito – na verdade, de qualquer país oriental com exceção da Índia – adotando o tom objetivo e impessoal da metodologia científica, contrastando totalmente com os esboços marcados pelo discurso pessoal que era popular na época (SHAMMA, 2009, p. 20).

A tradução de *As mil e uma noites* produzida por Lane foi a primeira acurada e completa versão europeia do livro. Já na introdução da obra, Lane expressa sua opinião contrária à versão que, por tanto tempo, deleitou os francófonos, julgando a atitude tradutória de Galland ao alegar que esse havia “*corrompido excessivamente o trabalho*”¹¹ (LANE, 1840, I, p. viii apud SHAMMA 2009, p. 29). Ele continua:

11 “*Excessively perverted the work.*”

*Sua familiaridade com a conduta e costumes árabes era insuficiente para resguardá-lo dos erros da mais grosseira descrição, e, pelo estilo de sua versão, ele apresentou um falso caráter ao todo, sacrificando assim, em grande medida, o que há de mais valioso no trabalho original. – quero dizer, sua acurácia minuciosa no que diz respeito a essas peculiaridades que distinguem os árabes de todas as outras nações*¹² (apud SHAMMA, 2009, p. 29).

Em contraposição, Lane descreve suas próprias credenciais – precisamente o conhecimento que adquiriu de sua “longa permanência no Cairo, em contato quase que exclusivamente com árabes; falando sua língua, adequando-se aos seus hábitos gerais com a mais escrupulosa exatidão e sendo recebido em sua sociedade em termos de perfeita igualdade”¹³ (apud SHAMMA, 2009, p. 29).

Uma vez publicada essa versão, o texto de *As mil e uma noites* não é apenas tomado como uma obra literária para o puro entretenimento, mas adquire um caráter de registro antropológico, no qual se encontra o microcosmo de todo o universo oriental, de onde se julgava poder depreender um panorama completo de seu povo, cultura, mentalidade e instituições sociais.

Totalmente amparado pelas experiências resultantes de sua permanência no Cairo, Lane acredita que, salvo algumas especificidades, o retrato apresentado nessa obra abrange todo o Oriente. Em alguns momentos, chega referir-se, em suas notas sobre as narrativas, a “*Easterns*”, “*Muslims*” e “*Oriental*” como se pertencessem a um mesmo bloco. “É em países árabes, e especialmente no Egito, que nós vemos as pessoas, as vestimentas, e os prédios, que ela [a obra] descreve em quase todos os casos, mesmo quando a cena se passa na Pérsia, Índia ou na China”¹⁴ (apud SHAMMA, 2009, p. 30).

Tencionando dar um caráter “ilustrativo” ao trabalho, sua principal preocupação foi preservar ao máximo o conteúdo e estilo do texto original. Assim, ele procurou reproduzir completamente o estilo original árabe, pela manutenção fosse das expressões idiomáticas, fosse, até mesmo, de algumas estruturas gramaticais. Conseqüentemente, em seu texto abundam expressões tais como “a razão fugiu de sua cabeça”; “meu mestre e luz dos meus olhos”; “um jovem rapaz dos filhos do Cairo”¹⁵ etc. (SHAMMA 2009, p. 30).

Outra característica que se encontra ao longo dessa obra é a omissão de trechos em que o tradutor julgou haver anacronismo, ou quando algum detalhe era considerado inconsistente, tendo em vista a sociedade árabe que *As mil e uma noites* deveria refletir. A autenticidade de seu trabalho era validada através dos seus comentários que justificavam suas decisões tradutórias: “Eu tenho a satisfação de me sentir confiante de que eu nunca dei a uma palavra ou frase, neste trabalho, um sentido que seja inconsistente com a apresenta-

12 “His acquaintance with Arab manners and customs was insufficient to preserve him always from errors of the grossest description, and by the style of his version he has given to the whole a false character, thus sacrificing, in a great measure, what is most valuable in the original work, – I mean its minute accuracy with respect to those peculiarities which distinguish the Arabs from every other nation.”

13 “Having lived several years in Cairo, associating almost exclusively with Arabs, speaking their language, conforming to their general habits with the most scrupulous exactitude, and received into their society in terms of perfect equality.”

14 “It is in Arabian countries, and especially in Egypt, that we see the people, the dresses, and the buildings, which it describes in almost every case, even when the scene is laid in Persia, India, or China.”

15 “The reason fled his head”; “my master and light of my eye”; “a young man of the sons of the Cairo”.

ção de uma imagem fiel da vida e conduta árabes”¹⁶ (LANE, 1840, I, p. xvii apud SHAMMA, 2009, p. 34).

Nas palavras de Lane, sua versão *De As mil e uma noites* seria “uma enciclopédia da conduta e dos costumes árabes”¹⁷ (LANE-POOLE, 1877, p. 93 apud SHAMMA 2009, p. 36); no entanto, segundo a análise proposta por Shamma (2009), esse livro, certamente, não se tratava de uma enciclopédia.

Segundo Shamma (2009, p. 36), o texto apresentava-se como uma mistura do realístico com o fantástico, como qualquer outro livro de história, onde referências ocasionais da vida social ou de seu ambiente eram feitas sem qualquer fundamento sociológico ou histórico. Shamma ainda aponta que foi Lane o precursor da prática das notas explicativas de cunho “antropológicas”, que rechearam também a tradução inglesa proposta por Burton, em 1885.

Como dito anteriormente, as notas explicativas também fizeram parte do trabalho de Galland, sobretudo para comentar a narrativa ou clarificar algum trecho que o leitor médio não depreenderia sem auxílio; no entanto, as notas elaboradas por Lane vão além desse propósito. Para além da necessidade de explicar o texto, elas são verdadeiros tratados com referências cruzadas, visando compreender todos os aspectos da vida social, política e religiosa da sociedade em questão. Na verdade, suas notas pareciam-se muito mais com uma dissertação totalmente independente do texto. Em alguns casos, eram tão dispensáveis que soavam mais como um pretexto para expor todo seu conhecimento sobre a sociedade egípcia (SHAMMA, 2009, p. 36).

No final do século XIX, Burton publica sua tradução com um aparato crítico, no qual comenta as traduções anteriores apontando uma atitude domesticadora tanto na versão produzida por Galland, e conseqüentemente nas que foram produzidas a partir dessa em língua inglesa, quanto na realizada por Lane. Ao publicar uma nova tradução poucos anos depois do trabalho de Lane, Burton elabora uma tradução considerada exotizante, que, segundo ele, retrata com precisão o Oriente como ele realmente é. Sua principal intenção é manifestar os prazeres exóticos e incomuns, hábitos do pensamento e linguagem orientais. Com sua versão de *As mil e uma noites*, Burton pretendia criticar os valores e tradições vitorianos da época (SIRONVAL, 2006, p. 221).

Essas traduções e sua repercussão no pensamento europeu, por muito tempo, têm sido abordadas pelo viés do Orientalismo. De acordo com Edward Said (2006), em sua obra seminal *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*, do ano de 1978, o conceito de Outro se referindo ao homem oriental remonta as cruzadas (1095-1270) e tem se desenvolvido como um campo do conhecimento cujo principal intuito é desumanizar o Oriente com vistas a dominá-lo.

Segundo o autor (SAID, 2006), uma das áreas de consolidação dessa prática intelectual foi a literatura, desde os relatos de viagens missionárias, ou de exploração, e, não menos importante, até as traduções literárias. De fato, a literatura traduzida como um subsistema literário por natureza foi empregado por orientistas para consolidar leituras tendenciosas de ficções pertencentes ao Oriente, apenas pelo propósito de tratar de forma documental trechos do texto e distorcer as diferentes realidades do Oriente. Em outras palavras, a literatura, se

16 “I have the satisfaction of feeling confident that I have never given, to a word or a phrase in this work, a meaning which is inconsistent with its presenting a faithful picture of Arab life and manner.”

17 “an encyclopaedia of Arab manners and customs.”

traduzida ou original, tem sido explorada por aqueles que buscam dominar por meio do discurso político.

O Orientalismo, sendo a soma de conhecimento referente ao Oriente, precede a recepção de *As mil e uma noites* na Europa. Relatos de viagens produzidos por eruditos, missionários, entre outras expedições, tiveram um papel importante na indução dos estudos científicos sobre o Oriente. Como dito anteriormente, quando o império turco-otomano deixou de ser uma ameaça para a Europa, as acepções europeias sobre o Oriente eram menos tendenciosas e hostis, e passou-se a estudá-lo sob a perspectiva da alteridade exótica. O ápice do Orientalismo advém do conhecimento erudito sobre o Oriente, porém o realismo que satisfazia os estudiosos não matava a sede dos leitores que tinham um ardente desejo pelo exotismo. À vista disso, a imagem do Oriente permaneceu por muito tempo hesitante e contraditória, tentando um equilíbrio entre os Estudos Orientais e os haréns e a sensualidade (SIRONVAL, 2006, p. 239).

Com o surgimento de *As mil e uma noites* na Europa, os elementos da realidade e ficção contidos na obra passaram por uma fusão. Isso se deve também ao *status* que seus tradutores, enquanto acadêmicos, davam à obra. Na primeira publicação francesa, temos um prefácio no qual o tradutor faz afirmações como a que segue:

*Deste modo, sem sofrer a fadiga de ir buscar por essas pessoas em seus países, o leitor terá o prazer, aqui, de vê-los atuar e ouvi-los falar. Tomamos o cuidado de manter sua caracterização, e não fugir de suas expressões e sentimentos*¹⁸ (GALLAND, 1785 apud SIRONVAL, 2006, p. 239).

Muito embora a estrutura do discurso orientalista tenha seus méritos e seja uma das principais abordagens do tema das relações Oriente-Occidente, ainda possui falhas significativas. Muitos autores (cf. MACKENZIE, 1995; SPRINKER, 1992; TURNER, 1994 apud VAN LEEUWEN, 2004, p. 17) têm observado que sua fundamentação teórica é eclética e inconsistente, enquanto sua análise textual deixa pouquíssimo espaço para variações e correntes divergentes do senso comum. Em alguns aspectos, apresenta-se contraditória: por exemplo, quando Said discute que o Orientalismo está fixo no subconsciente europeu, já que representa uma parte essencial da estrutura discursiva europeia sendo inseparável de sua autoimagem. Enquanto as relações de poder permanecerem como estão, ninguém pode escapar à propensão orientalista de Said, nem mesmo aqueles que criticam o discurso orientalista. De certo modo, a crítica antiorientalista se fortalece e ossifica a dicotomia fundamental que era, em sua própria visão, criada e reproduzida pelo discurso orientalista, uma vez que é agora uma parte essencial do pensamento europeu (VAN LEEUWEN, 2004, p. 17).

O processo de produção das traduções de *As mil e uma noites* para os idiomas europeus representam não só o ato de transferência de um determinado texto de uma língua para outra, como também reflete a tentativa de conhecer o Outro e, a partir dessa representação, delimitar sua identidade; para além disso, o texto resultante do trabalho tradutório passa a funcionar dentro de um

18 *"Thus without suffering the fatigue of going to look for these people in their countries, the reader will have the pleasure here, of seeing them act and hearing them speak. We have taken care in keeping their characters, and not wandering from their expressions and their feelings."*

sistema literário já estabelecido, seja confrontando cânones, como se observa na proposta de Galland em relação ao neoclassicismo, ou valores e tradições instituídos, como no caso da proposta de Burton.

As três principais traduções da obra em questão exibem atitudes tradutórias diferentes que produzem efeitos diversos nos sistemas literários que a recebem, porque esses textos passam a relacionar-se com as obras canônicas dialogicamente. Se na tradução proposta por Galland há o que as teorias da tradução denominam processo de domesticação e apagamento do Outro, em Lane, tem-se a tentativa de trazer a alteridade em sua pura estranheza, muito embora ele tente reduzir toda diversidade do mundo árabe às suas experiências e conhecimentos antropológicos, de modo a acomodá-la no texto de *As mil e uma noites*.

O problema das traduções não é somente as notas e comentários introduzidos pelos autores; nas palavras de Timothy Mitchell, a pretensão de “não só criar uma imagem do Oriente, mas conformar o Oriente a uma imagem”¹⁹ (1992, p. 305 apud SHAMMA, 2009, p. 45), de modo que o leitor visse nesses trabalhos não apenas a exibição do Oriente, mas o Oriente sendo moldado para uma exibição a ser experienciada pelo olhar dominante europeu.

Van Leeuwen (2004, p. 14) propõe que, no que concerne à tradução literária, poder-se-ia enfatizar que os projetos europeus de tradução seriam apenas uma extensão dos esforços de consolidação da supremacia europeia, do esquema imperialista de dominação cultural e promoção da representação orientalista dos árabes. Diz-se que tradutores europeus são inclinados a selecionar títulos que apelariam a um viés mais generalizante e esquecer a representação fiel do “ser árabe”. No entanto, o autor ainda argumenta que é necessária uma abordagem que considere, juntamente, a linguística textual e os estudos culturais, pois, separadamente, não se pode apresentar uma discussão adequada e útil ao lidar com as complexidades da comunicação intercultural por meio da tradução. Nesse mote, o autor pontua a importância do surgimento do romance árabe para a perspectiva da relação entre gêneros textuais.

O romance árabe, por assim dizer, nasceu da interação entre duas culturas, durante uma fase muito específica na história do mundo árabe, caracterizada pela hegemonia europeia, esforços de reforma e a desintegração do Império Otomano. O romance árabe, de certa maneira, foi o resultado de uma longa e extensa crise social e da consciência de que o mundo havia mudado radicalmente.

O processo de tradução de literatura europeia para a língua árabe, no período da *Nahda*²⁰, com vistas a criar um conjunto de obras que serviria de modelo de narrativas do gênero romance, é comumente analisado pela perspectiva orientalista. Van Leeuwen (2004, p. 17) menciona que a influência dessas traduções, em muitas áreas, deu origem a um tipo de cultura esquizofrênica, na qual a elite intelectual foi formada por visões estrangeiras e ficou separada do “tradicional” *corpus* nativo do conhecimento.

Em alguns casos, a visão europeia do Oriente, com as concomitantes concepções de progresso e civilização, foi adotada e internalizada pelos intelectuais árabes, e sua forma de organização política e econômica tornou-se padrão para

19 “not just to make a picture of the East but to set up the East as a picture.”

20 *Nahda* (em árabe: *النهضة*/*al-Nahdah*; “despertamento” ou “renascimento”) foi o processo de renascimento cultural que teve início entre o final do século XIX e o começo do século XX no Egito, e, posteriormente, alcançou os demais países arabófonos sob o domínio do Império Otomano. É considerado o período de modernização intelectual e reforma no mundo árabe.

os líderes reformistas. Alguns dizem até que a relevância dada aos textos traduzidos impediu a emergência de um discurso autêntico sobre a identidade árabe, já que o problema de identidade foi completamente abordado sob o prisma das concepções europeias. A imagem espelhada do Outro, de acordo com a visão europeia, tornou-se mais ou menos a realidade, porque os “Orientais” eles mesmos tentaram conformar-se a ela (VAN LEEUWEN, 2004, p. 17).

A questão do papel das traduções na história das relações arabo-europeias é ainda muito difundida entre os intelectuais árabes, principalmente com a consolidação do gênero romance no sistema literário de língua árabe e o grande interesse da Europa em traduzir e receber essas obras em seu sistema literário.

Não é de estranhar que o tema do encontro do Oriente com o Ocidente tenha sido extensivamente debatido, principalmente nas obras literárias. Essa temática estabeleceu-se na ficção árabe desde os anos 1930, e por gerações assumiu diferentes formas que, expressando diferentes perspectivas, registraram e refletiram as mudanças no olhar sobre si mesmo e o Outro Europeu como resposta dos intelectuais árabes ao desafio da civilização ocidental nos períodos pré-colonial, colonial e pós-colonial (EL-ENANY, 2006, p. 185).

Essa literatura de percepção e representação árabe do Ocidente apresenta-se como uma proposta reversa à indicada por Edward Said (2006), na qual se discutem as percepções que o Ocidente tem do Oriente, por meio das apropriações e criações que, sobretudo, autores europeus fizeram da cultura, história e espaços do Oriente.

Ao contrário de sua contraparte ocidental da era colonial, estudada por Edward Said, os intelectuais árabes, na segunda metade do século XX, exibem uma atitude racional e apreciativa da cultura ocidental, apesar do colonialismo dos tempos modernos e dos conflitos mais antigos. Para eles, o Outro Europeu era ao mesmo tempo objeto de amor e ódio, proteção e ameaça, usurpador e conessor, um inimigo a ser temido e um amigo de quem se pode buscar ajuda (EL-ENANY, 2006, p. 7).

De acordo com a abordagem da relação entre gêneros textuais proposta por Van Leeuwen (2004, p. 15), a tradução da literatura árabe, principalmente da literatura contemporânea, poderia ser tratada a partir de um viés bakhtiniano, no qual a linguagem adquire seu significado por meio do “diálogo”, um ato dialético do discurso em contextos específicos. Desse modo, a produção de sentido através do processo dialógico não é limitada a indivíduos, mas ocorre em grupos, sociedades, nações e culturas, pela interação e troca de interpretações. Imagens do Outro são formuladas por um processo bilateral, no qual o significado final é uma combinação de interpretações das “enunciações” do Outro. Os significados e imagens, que determinam nossa visão da realidade, são, subsequentemente, organizados em gêneros governados por certas convenções e pelo processo contínuo do diálogo.

HANNAN AL-SHAYKH E SUA OBRA *INNAHA LONDON YA ʿAZIZI*

Embora o tema do encontro do Oriente com o Ocidente tenha se tornado recorrente na literatura árabe, as produções que traziam sua representação eram majoritariamente escritas por homens, nos quais o Ocidente era representado por uma mulher e o Oriente, por um homem. Entretanto, a partir da década de

1960, esse mote, mesmo que cambaleante, tornou-se recorrente na literatura ficcional feminina, agora com o Oriente sendo representado pela figura da mulher e o Ocidente, pela do homem, alcançando maturidade na década de 1990.

No discurso literário, essas escritoras estavam ecoando indagações acerca de reformas sociais, apontando a falta de participação feminina na sociedade e sua exclusão da educação e da vida profissional, demandando outras razões, além da questão de gênero, que justificassem essas privações e a invisibilidade que lhes era atribuída na sociedade. Escrever era, então, uma válvula de escape de um papel de gênero determinado (COOKE, 2005, p. 446).

É nesse cenário que, no final da década de 1960, a libanesa Hanan Al-Shaykh publica seus primeiros textos escrevendo com paixão e violência sobre a sexualidade da mulher árabe, ousando ainda usar a, até então, inaudita voz de uma lésbica e retratando a guerra civil no Líbano, no romance *Hikayat Zahra* [A história de Zahra]. Desde então, tornou-se uma presença literária que já não pode mais ser ignorada (COOKE, 2005, p. 449-457).

Segundo El-Enany (2006, p. 195), a originalidade de pensamento e o frescor da percepção que caracteriza o trabalho de Al-Shaykh, em geral, é trazida para sua representação do Ocidente na ficção como um assunto inspirado por sua primeira experiência com a cultura ocidental. Sua relação pessoal reflete em sua literatura implicações de sua consciência individual retratada na história, por meio da questão de como o árabe vê a si mesmo e o Outro Ocidental, o que não pode ser perdido quando visto no contexto genérico do tratamento do tema na literatura árabe.

Al-Shaykh aborda o tema de maneira profunda quando lança seu romance *Innaha London ya 'azizi* [Isto é Londres, meu caro], em 2001. Fruto de sua longa residência na cidade de Londres, o romance é a tentativa de examinar as possibilidades e dificuldades de mapear uma identidade árabe hifenizada na costura liminar da diáspora. Explorando as negociações entre rigidez e mutabilidade da identidade, limites e fronteiras, diferença e hibridez e basicamente demonstrando, como Susan Friedman propõe, que “rotas produzem raízes e rotas retornam às raízes”²¹ (FRIEDMAN apud AL-SAMMAN, 2014, p. 19).

Diferentemente das outras narrativas que apresentam personagens desejosos por retornar ao seu país natal, esses imigrantes estão estabelecidos fisicamente na diáspora, mas inquietos emocionalmente. Eles aprendem a negociar ganhos e perdas da identidade hifenizada, e a apreciar a cidadania flexível, “abandonando assim anseios da pátria e engendrando novos pertencimentos articulados através do relacionamento *dialógico* entre rotas e raízes”²² (AL-SAMMAN, 2014, p. 20, grifo do autor).

Os três personagens protagonistas estão deixando Dubai e, nela, projetos frustrados de naturezas pessoal e financeira, dirigindo-se para Londres na esperança de se restabelecerem e de um novo começo. Esses personagens buscam na capital britânica a liberdade da abjeta pobreza (Amira), da guerra (Lamis), ou das normas de restrição sexual (Samir). No entanto, essa imaginada liberdade é destruída quando as personagens falham ao tentar escapar do ser árabe que cada um tinha dentro de si, em meio ao britanismo em que estavam submersos,

21 “routes produce roots and routes return to roots.”

22 “thereby forsaking homeland longings and engendering new belongings articulated through the ‘dialogic’ relationship between roots and routes.”

dos paradigmas culturais hegemônicos e das minorias que aprisionam suas identidades em moldes fixos com os quais eles, inicialmente, buscavam romper.

Ao retratar seus personagens, Al-Shaykh usa o espaço literário para desconstruir as recorrentes imagens arquitetadas pelo Ocidente através da estereotipação midiática e também pelo projeto de tradução de literatura árabe que se estabeleceu na Europa, desde as primeiras versões traduzidas de *As mil e uma noites*.

Assim como a imagem de Sheherazade foi tomando diversas formas à medida que novas traduções foram surgindo, e com elas os aparatos críticos recheados de notas étnico-antropológicas, as identidades criadas nesses textos eram projetadas nos povos árabes pelo público receptor, fazendo com que fossem reconhecidos sobretudo pelo barbarismo e tiranismo dos sultões, e exotismo e sensualidade das mulheres. Sironval (2006), em seu extenso trabalho a respeito das imagens de Sheherazade criadas com as traduções europeias, afirma que essas traduções eram produzidas deste modo, pois atendiam a expectativa do público da época.

Desde então, formou-se um projeto de tradução de literatura árabe para as línguas europeias com vistas a conhecer o Oriente e delimitar a identidade desses povos que representavam a alteridade para o ocidental. Com a emergência das escritoras árabes, no fim do século XIX e início do século XX, o interesse ocidental por essa literatura surgiu, sobretudo, pela percepção ocidental da mulher no mundo árabe como sujeitas a uma sistemática opressão e abuso (AMIREH, 1996; TAG-EL-DIN, 2009 apud AL-MAHROOQI; DENMAN, 2016, p. 13).

Essa percepção, segundo Faiq (2004 apud AL-MAHROOQI; DENMAN, 2016, p. 13), tem contribuído para uma situação em que há um maior interesse do consumidor ocidental pelos trabalhos literários, especialmente romances, escrito por mulheres do que por homens, com autoras árabes que muitas vezes alteram seu trabalho para atender a demanda do mercado: “Esta é uma questão que está intrinsecamente ligada à tradução dos trabalhos de literatura árabe contemporânea para línguas europeias e o modo em que essas traduções contribuem para o discurso da identidade árabe”²³ (AL-MAHROOQI; DENMAN, 2016, p. 13).

Van Leeuwen (2004 apud AL-MAHROOQI; DENMAN, 2016, p. 14) enfatiza que a tradução, ou a transferência de textos literários entre culturas, é uma atividade política que abarca não só questões de relações política, histórico ou cultural, mas também questões de identificação cultural e autorrepresentação. Desse modo, as traduções literárias estariam estreitamente ligadas às relações de poder, criando e reiterando divisões entre sociedades dominadas e hegemônicas.

MOLDURA TEÓRICA E METODOLOGIA

Tendo em vista todo esse panorama, a temática do encontro do Oriente com o Ocidente na literatura árabe, a potencialidade da tradução no processo de construção de identidades culturais e as questões sociopolítica e histórica que envolvem essa prática, apresentamos, aqui, a tradução de um trecho do romance *Innaha London ya ʿazizi* [Isto é Londres, meu caro], do árabe para o português brasileiro, bem como comentários acerca da analítica da tradução. Partindo da

23 “This is an issue that is intricately linked with the contemporary translation of Arabic literary works into European languages and the way that these translations contribute to the discourse of Arab identity.”

tradução do texto em língua árabe, pretende-se discutir decisões tradutórias que evidenciem elementos estrangeiros que constroem a identidade cultural do Outro, buscando sempre estratégias de seleções lexicais que abram possibilidades interpretativas que não retratem o elemento estrangeiro de modo a exotizá-lo, tampouco se valer de apagamentos do mesmo para que se crie um texto transparente e fluente, tendo sempre em conta a temática da obra, o estilo, as intenções do autor e o público-alvo.

Por se tratar de um romance que representa de maneira tão enfática a multiplicidade da identidade árabe, expressa pelas nacionalidades libanesa, marroquina e iraquiana, contrapondo-se ao “Outro” inglês, temos como objetivo principal considerar como a tradução forma identidades particulares e as mantém com um relativo grau de coerência e homogeneidade, mas também como cria possibilidades para uma resistência, inovação e mudança cultural em qualquer momento histórico. Pois, não obstante o fato de a tradução ser convocada a remeter-se a diferenças culturais e linguísticas do texto estrangeiro, ela pode, do mesmo modo, fomentar ou suprimir heterogeneidade na cultura doméstica (VENUTI, 1998, p. 68).

Opondo-se radicalmente às traduções que se apropriam do estrangeiro visando domesticá-lo e aculturá-lo, adequando-o de forma a apresentá-lo a um determinado público, Venuti (2013, p. 127) denuncia a fluência e transparência nas estratégias tradutórias anglo-americanas e seu esforço para que a tradição cultural da língua inglesa suporte a tradução domesticando o Outro.

Em *Translation changes everything*, Venuti (2013, p. 122) discute a tradução do texto que traz tradições culturais da língua inglesa com o intuito de evitar a comunicação de qualquer sentido da língua estrangeira ao leitor anglófono, por exemplo, retendo palavras no idioma de partida e adicionando uma frase explicativa como aposto, demonstrando assim seu investimento numa tradução transparente com vistas à supressão de diferenças linguísticas e culturais do texto de partida. Atitude tradutória bastante recorrente nas primeiras versões de *As mil e uma noites* e, conseqüentemente, em outras obras de língua árabe que se seguiram a essa, como visto anteriormente.

Esse fenômeno de domesticação textual, por meio de supressão ou adição de trechos ou palavras, é observado na tradução de *Innaha London ya ‘azizi* para a língua inglesa – *Only in London*, 2002 –, proposta por Catherine Cobham. Al-Samman (2014, p. 21), ao tratar de questões identitárias na obra de Al-Shaykh, comenta sobre a tradução inglesa dizendo que, interessantemente, “passagens que se dirigem ao desmembramento do corpo de gênero racial forçado a se conformar ao ambiente inglês dominante foram retiradas do romance na tradução inglesa”.²⁴

Essas decisões no processo tradutório revelam que, à medida que o tradutor, inconscientemente, cria um novo texto baseado no texto de partida, uma hierarquia de valores linguístico e ideológico-cultural é erigida na situação, na qual valores dominantes tendem a suprimir diferenças por meio da assimilação ou marginalização do Outro (VENUTI, 2013, p. 2).

Enquanto em “países hegemônicos, a tradução modela imagens de seus Outros subordinados”, atestando e indagando valores dominantes, estereótipos étnicos, cânones literários, “nos países em desenvolvimento, a tradução modela

24 “passages which address the dismemberment of the racial gendered body forced to conform to the dominant English milieu, are missing from English translation of the novel”.

imagens de seus Outros hegemônicos”, com inclinações à absorção de valores estrangeiros (VENUTI, 1995, p. 299).

Com intenções de mobilizar uma tradução mais humanística, Venuti (2013, p. 3) propõe que o processo tradutório deveria transportar diferenças linguísticas e culturais e não diminuí-las para se manter um *status quo*, independentemente se a língua traduzida ocupa uma posição central ou periférica, maior ou menor, pois “nenhuma língua suporta a estagnação que resulta da restrição ou exclusão do contato com outras línguas. Nenhuma cultura suporta a complacência de permitir que a hierarquia de valores que a estrutura passe sem ser examinada ou criticada”²⁵ (VENUTI, 2013, p. 3).

Considerando o potencial que a tradução tem de formar identidades culturais e sua contribuição para uma reprodução e mudança social, consideramos também o conceito de ética da tradução, trabalhado por Berman (2007, p. 38), de onde “o ato ético consiste em reconhecer e receber o Outro enquanto Outro” (BERMAN, 2007, p. 68) evitando assim uma postura “Etnocêntrica”, ou seja, aquela que “traz tudo à sua própria cultura, às suas normas e valores, e considera o que se encontra fora dela – o Estrangeiro – como negativo ou no máximo bom para ser anexado, adaptado, para aumentar a riqueza desta cultura”; e “Hipertextual”, que “remete a qualquer texto gerado por imitação, paródia, pastiche, adaptação, plágio, ou qualquer outra espécie de transformação formal, a partir de outro texto *já* existente” (BERMAN, 2007, p. 28).

Com vistas a respeitar o “*contrato* fundamental que une uma tradução ao seu original” pretende-se, nas palavras de Berman (2007, p. 38-39), “levar às margens da língua para qual se traduz a obra estrangeira na sua pura estranheza”.

Van Leeuwen (2004, p. 18), ao discutir o processo de formação de identidades culturais, no contexto da tradução de literatura árabe, assume que o sistema de formação de gênero de Bakhtin é muito mais aberto e flexível que o paradigma do Orientalismo de Said. Ele é mais dinâmico, menos normativo e está baseado na interação. No caso das relações arabo-europeias, implicaria que as imagens do Oriente não são apenas o monopólio dos europeus; essas imagens foram produzidas mais pelo encontro cultural baseado na observação, interpretação e troca dialógica e subsequentemente organizada no sistema de gênero.

Pode-se argumentar que a ideia do gênero, em alguma medida, sobrepõe-se ao uso do discurso de Said, e talvez pudesse ser defendido que uma forma de gênero orientalista foi originada na época da expansão europeia, o qual reproduziu os comumente aceitos estereótipos do Oriente. No entanto, a diferença seria que a ideia bakhtiniana de convenções do gênero é menos estática. Gêneros podem e, de fato, dissolvem-se em novos gêneros, convenções mudam de acordo com as circunstâncias e o contexto dialógico, e vozes divergentes podem ser vistas não como anomalias no sistema, mas, sim, como contribuições ao diálogo que não se tornou predominante (VAN LEEUWEN, 2004, p. 19).

Dentro desse sistema, a falta de equilíbrio nas relações de poder entre sociedades não levaria à estagnação do diálogo, transformando o intercâmbio numa execução unilateral das ideias. Parece mais que relações desiguais de poder não afetam o dialogismo como uma fonte de significado, muito embora afetem os

25 “No language can afford the stagnation that results from restricting or excluding contacts with other languages. No culture can afford the complacency of allowing the hierarchy of values that structure it to go unexamined and uncriticized.”

bens culturais que são trocados. Orientalismo na Europa e Ocidentalismo no mundo árabe são os dois lados do mesmo processo dialógico, ainda que suas manifestações sejam diferentes (VAN LEEUWEN, 2004, p. 19).

Para a realização de uma tradução que tenha em conta a relação dialógica entre textos, é necessária uma definição mais clara do objetivo tradutório que pode ser estabelecido a partir de uma análise da obra baseada no *Skopostheorie*, modelo funcionalista proposto por Katharina Reif e Hans Vermeer, na metade da década de 1980, e reproduzida por Nord (2007, p. 27). O *Skopostheorie* fundamenta-se na ideia de que uma tradução seria estabelecida a partir de um *skopos*, ou seja, o propósito da tradução que nortearia as decisões tomadas durante o processo tradutório considerando: objetivo, propósito, função e intenção.

Tendo delimitado o *brief* da tradução, amparado de resenhas críticas publicadas a respeito da obra em jornais e revistas científicas, seria necessária uma análise dos fatores externos (extratextuais), tais como emissor, intenções do emissor, receptor, lugar, tempo e função do texto, bem como dos fatores internos, como tema, conteúdo, composição e léxico para a produção do texto na língua de chegada.

Como suporte para as soluções tradutórias é interessante ponderar, sempre que possível, a atitude literária que o autor demonstra em relação aos seus textos e de seus pares, pois pode servir de direcionamento no processo interpretativo da obra. Por exemplo, Al-Shaykh, em entrevista a Christiane Schlote, para *Literary London: Interdisciplinary Studies in the Representation of London* (2003), fala sobre o romance *Innaha London ya 'azizi* e sua tradução para o inglês, *Only in London*, para os quais revisor e tradutor pedem abertura para explicações a respeito de recorrentes referências culturais, tanto inglesa quanto árabe, recebendo o seguinte posicionamento: “Eu não me curvaria apenas pelo bem do leitor. Eu não acho que seja justo. [...] Ambos, de certa forma, queriam mais explicações. Mas, então, eu acho que como um leitor você é inteligente e sabe do que o escritor está falando”²⁶.

DISCUSSÃO

Com intenções de promover ao leitor uma experiência com o “Outro”, tentamos levá-lo ao texto de partida sem que se prejudique a inteligibilidade do texto. Para isso, optamos por manter em trechos, como o que se segue, expressões que estão diretamente ligadas ao universo cultural dos indivíduos do texto de partida.

هل تتصل بمستر كولينز، الطبيب النسائي الذي عرف أنها بقيت عذراء رغم محاولات زوجها الأولى، ثم عرف متى
فُضت بكارثتها، ومتى حَمَلَتْ، وشهدَ انتفاخ بطنها شهراً بعد آخر؟ هو الذي عرف أرضها وأجدادها، وسَحَبَ منها عربياً آخر. يد
إنكليزية تغوص في أحشائها. الوسيط بينها وبين نسلها، بينها وبين زوجها. هو في منتهى الرقة والحساسية >>إني أسخّن لك
الآلة حتى تصبح دافئة ولطيفة>>. يعلمها نتيجة الفحص بإرساله بطاقة رسمية بيضاء ذات حروفٍ خطّها خطأً، وكأنها دعوة
لحفلةٍ تقليديها وساماً: >>يسرّنا أن نعلن لك الخبر بأن نتيجة فحصك الأخير...>>. الأطباء الإنكليز هم وحدهم الذين تحتك
أجسامنا بهم، وتكوّن علاقةً خاصةً بيننا وبينهم.

26 “I wouldn’t bend only for the sake of the reader. I don’t think it’s fair. [...] Both of them, in a way, wanted more explanation. But then I think, as a reader you are clever and you know what the writer is talking about.”

كانت لميس على معرفة بتلك المرأة العربية التي وجدت ملاذها بالذهاب إليها أسبوعاً إثر آخر، لتطلب منه حبة تأخذها من أجل أن ترُغب في مضاجعة زوجها لها أو من أجل مجرد تحمُّله.

- ليس هناك من حبة تفعل هذا! ماذا عن كأس نبيذ؟

- لا لا. أعوذ بالله، لا أشرب.

- قل لي لزوجك إنك لا ترغبين فيه.

- لا، لا. أعوذ بالله، لا أقدر، حرام لا أريد أن أجرح مشاعره.

- ليس هناك من حبة صدقتي.

- وأنا لم يبق لدي أي رغبة.. صدقتي.

- إذن، لم لا تطلبين الطلاق؟

- أحبه. عشرة عمر، ولكني لا أطيق النوم معه.

- لا أستطيع مساعدتك، آسف.

- ليس هناك من أحد يستطيع مساعدتي غيرك.

- أوكي، تعالي أفحصك.

- لا، شكراً. باي دوكتور، باي.

تتصل لميس بطبيبتها النسائي، فتجيبها السكرتيرة: هل تريدين موعداً؟

- أجل أجل.

- في الأسبوع الثالث من هذا الشهر. مستر كولينز مشغول جداً.

Deveria ligar para o Mr. Collins? O ginecologista que sabia que ela permanecera virgem mesmo depois das primeiras tentativas do seu marido, e então soube quando perdeu a virgindade e quando engravidou. E que acompanhou o crescimento de sua barriga um mês após o outro. Ele quem conhecia sua terra e seus ancestrais e arrancou de dentro dela mais um árabe. Uma mão inglesa mergulhou nas suas entranhas. O mediador entre ela e sua prole, entre ela e seu marido. E em sua extrema delicadeza e sensibilidade: “eu vou aquecer o instrumento para que fique morno e agradável”. Informava os resultados dos exames enviando-lhe uma nota formal escrita com letras caligrafadas, como se fosse o convite para uma festa na qual seria condecorada: “Temos o prazer de anunciar a notícia de que o resultado dos seus últimos exames...”. Os médicos ingleses são os únicos a ter contato com o nosso corpo, e com quem mantemos uma relação especial.

Lamis conhecia aquela mulher árabe que encontrava refúgio nas idas semanais ao ginecologista, para lhe pedir pílulas que a fizesse desejar ter relação sexual com seu marido ou ao menos suportá-lo.

- Não há pílula para isto! *Que tal uma taça de vinho?*
- Não, não. *a'dhu bilLah, eu não bebo.*
- *Diga ao seu marido que você não o deseja.*
- Não, não *a'udhu bilLah. Não posso, haram, não quero ferir seus sentimentos.*
- Não existe esse tipo de pílula, acredite em mim.
- *Quanto a mim, acredite, não há mais desejo algum...*
- *Então, por que não pede o divórcio?*
- *Eu o amo, é uma vida juntos, mas não suporto mais dormir com ele.*
- *Lamento, mas não posso ajudá-la.*
- *Não há ninguém que possa me ajudar a não ser você.*
- *Okay, deixe-me examiná-la.*
- *Não, obrigada. Bye, doutor, bye.*

Lamis ligou para seu ginecologista, a secretária atendeu: "você gostaria de marcar uma consulta?"

- *Sim, sim.*
- *Na terceira semana deste mês. O doutor Collins está muito ocupado.*

(AL-SHAYKH, 2001, p. 28)

O trecho acima reproduzido reflete a mediação da alteridade entre a protagonista e as personalidades multiculturais. O ginecologista aparece como um mediador entre Lamis e seu marido, e estabelece com seu corpo uma conexão que ele não possui, mesmo casados há mais de dez anos. Interessante que a narrativa aponta para ideia de que essa relação não se restringe ao caso específico de Lamis, mas a uma situação recorrente entre as mulheres árabes, na Inglaterra.

Sendo a obra uma tentativa da representação dessa multiculturalidade presente na diáspora, e considerando a própria atitude literária de Hanan Al-Shayk, optamos por apresentar uma tradução que segundo Berman (2007, p. 25) é a tradução-das-letras, que recebe o Outro enquanto tal e a obra estrangeira em sua pura estranheza. Desse modo decidimos por manter todos os anglicismos colocados pela autora, bem como algumas expressões comuns em língua árabe próprias da religião islâmica, de modo a explorar as diferenças identitárias. Considerando que o diálogo não se dá entre duas pessoas árabes, decidiu-se que a expressão deveria ser reproduzida assim como no texto de partida.

Ao traduzir a letra, como diz Berman (2007), pretendemos acessar o universo do Outro, bem como experimentar suas sensações e pensamentos não só com vistas a defini-lo, mas também pensarmos a nossa própria identidade e as relações que estabelecemos com a alteridade.

CONCLUSÃO

Tendo em conta que traduções não são meramente apontadas em termos de apropriação cultural, mas são mais prováveis pontos de referência num contexto mais amplo de relações e um recurso para pensar e revisar práticas e ideias já existentes, os textos nunca serão entendidos e interpretados exatamente co-

mo na sociedade que o produziu, mas sempre será posto na sociedade de recepção e utilizado de acordo com suas necessidades específicas. Além disso, a tradução não tem a função de transmitir uma visão geral de outra cultura, mas, pelo contrário, prover elementos que, de certa forma, acrescentam-se às imagens que representam uma cultura, de modo a construir identidades culturais na comunidade receptiva.

Vimos também com a tradução de *As mil e uma noites* que um texto traduzido nunca assimila um gênero existente de uma cultura, mas sempre contribui para o dinamismo de um gênero, como um elemento funcionando num processo dialógico. Um texto, além disso, nunca preserva seu significado original; sua interpretação muda em alguma parte entre seu significado pretendido e os modelos aos quais está relacionado na cultura de chegada. Portanto, a recepção de um texto nunca é predeterminada, mas é, ao contrário, uma das forças condutoras na produção de representações do Outro e de autodefinição (VAN LEEUWEN, 2004, p. 19).

THE REPRESENTATION OF OTHERNESS AND THE CONSTRUCTION OF CULTURAL IDENTITIES IN THE TRANSLATION OF *INNAHA LONDON YA ʿAZIZI*

Abstract: From the reception of the first editions of the *Thousand and One Nights* translated into the French and English languages, the paper in hand approaches the process of translation through the relations that textual genres establish among themselves in a given literary system. Considering the potential of translation to shape cultural identities in host communities, and to constitute a form of resistance, innovation, and cultural change, we propose the translation of one excerpt from the novel *Innaha London ya ʿazizi* (2001) by the Lebanese writer Hanan Al-Shaykh. We aim to perform a translation which recognizes and evidences traces of otherness and, in Berman's words (2007, p. 68), "receives the other as Other".

Keywords: Hanan Al-Shaykh. Arabic literature. Migrant literature.

REFERÊNCIAS

- AL-MAHROOQI, R.; DENMAN, C. Arab identity and literature in translation: The politics of selection and representation. *Arab World English Journal (AWEJ)*, Special Issue on Translation, n. 5, p. 5-20, May 2016.
- AL-SAMMAN, H. Border Crossings: Cultural Collisions and Reconciliation in Hanan Al-Shaykh's *Only in London*. In: MENON, N. and PREZIUSO, M. (Ed.). *Migrant identities of Creole cosmopolitans: transcultural narratives of contemporary postcoloniality*. New York: Peter Lang, 2014.
- AL-SHAYKH, H. *Innaha London ya ʿazizi*. Beirut: Dar-Al-Adab, 2001.
- AL-SHAYKH, H. *Only in London*. London: Anchor Books, 2002
- BERMAN, A. *A tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo*. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.

- COOKE, M. Arab women writers. In: BADAWI, M. M. (Ed.). *Modern Arab literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- CORRIENTE, F.; FERRANDO, I. *Diccionario Avanzado Árabe*. Spain: Herder, 2005.
- EL-ENANY, R. *Arab representation of the Occident*. East-West Encounters in Arabic Fiction. London; New York: Routledge, 2006.
- NORD, C. *Translating as a purposeful activity*. Functionalist approaches explained. Manchester: St. Jerome Publishing, 2007.
- SAID, E. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.
- SHAMMA, T. *Translation and the manipulation of difference*. Arabic literature in Nineteenth-Century England. Manchester: St. Jerome Publishing, 2009.
- SCHLOTE, C. An interview with Hanan al-Shaykh. *Literary London: Interdisciplinary Studies in the Representation of London*, v. 1, n. 2, Sept. 2003. Disponível em: <<http://www.literarylondon.org/london-journal/september2003/schlote.html>>. Acesso em: 24 maio 2017.
- SIRONVAL, M. The image of Sheherazade in French and English editions of the *Thousand and one nights* (Eighteenth-Nineteenth Centuries). In: *The Arabian nights and orientalism*. New York: I. B. Taurus, 2006.
- VAN LEEUWEN, R. The cultural Context of Translating Arabic Literature. In: FAIQ, S. (Ed.). *Cultural Encounters in Translation from Arabic*. Clevedon: Multilingual Matters LTD, 2004.
- VENUTI, L. *The translator's invisibility*. A history of translation. London; New York: Routledge, 1995.
- VENUTI, L. *The scandals of translations*. Towards an ethics of difference. London; New York: Routledge, 1998.
- VENUTI, L. *Translation changes everything*. Theory and Practice. London; New York: Routledge, 2013.
- WEHR, H. *A Dictionary of Modern Written Arabic*. New York: Spoken Language Services Inc., 1976.

Recebido em agosto de 2017.

Aprovado em setembro de 2017.